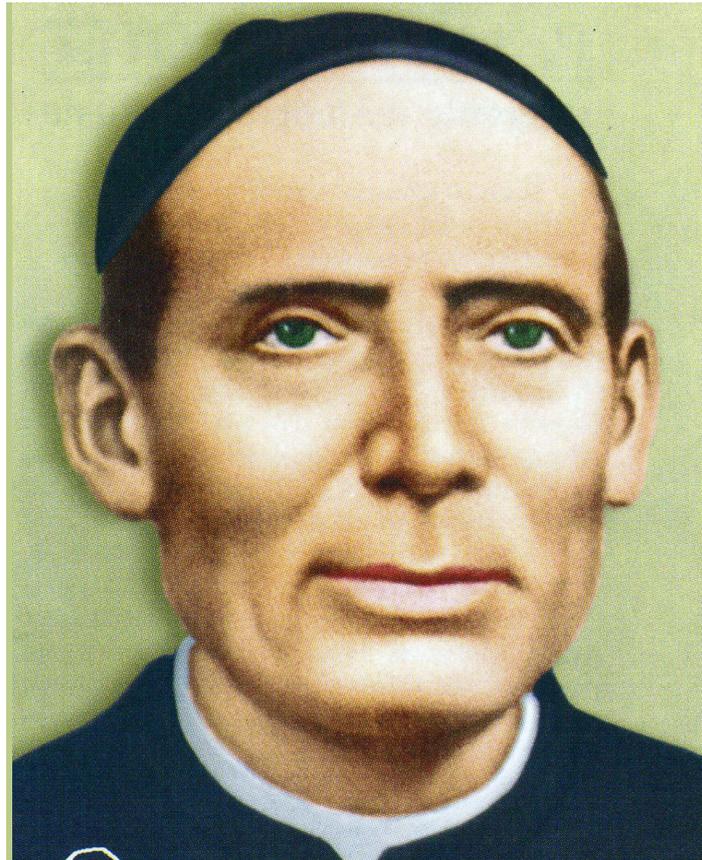




MISSIONÁRIOS CLARETIANOS



Centrado em Deus e dedicado à missão

Uma reflexão no encerramento do “Ano de Clotet”

CARTA CIRCULAR

Caros Irmãos,

É com alegria que damos por concluído o ano bicentenário do nascimento do P. Jaime Clotet (1822-1898), o mais novo dos nossos cofundadores, a quem a Congregação quis prestar uma merecida homenagem. Fizemo-lo recordando, com júbilo fraterno, a vida e a herança espiritual do nosso irmão, mediante um conjunto de atividades, em consonância com a sua personalidade e o seu estilo: simples e profundo, sem ofender a modéstia de quem jamais abandonou um fecundo segundo plano no nosso Instituto. Os subsídios encomendados ao Centro de Espiritualidade Claretiana (CESC) serviram para que as nossas comunidades celebrassem este evento no passado mês de julho. Em setembro de 2022, teve lugar uma *Jornada científica sobre o P. Clotet*, sob a iniciativa e patrocínio da Universidade de Vic. Realizou-se também uma segunda jornada em Fontfroide e Narbonne (França) a 24 de outubro, por ocasião do aniversário da morte do nosso P. Fundador. E a terceira, que coincidirá com a celebração do encerramento do “Ano de Clotet”, está marcada para o dia 4 de fevereiro de 2023 em Barcelona, aproveitando-se uma arraigada tradição de encontro celebrativo no Santuário do Coração de Maria por ocasião do aniversário do falecimento do P. Clotet. Esse contará com o patrocínio do Governo Geral, em colaboração com a Província de São Paulo, a Pastoral dos Deficientes Auditivos da diocese de Barcelona e de várias associações catalãs do mesmo género.

Assim como recordar é fácil para quem tem memória, esquecer é impossível para quem tem coração. O P. Clotet continua vivo na memória e no coração dos Claretianos. Não promovemos esta efeméride para venerar as cinzas de um falecido, mas para transmitir o mesmo fogo que o fez arder em caridade, e que nos toca a nós preservar e alimentar. Ao penetrarmos no mais íntimo do coração do P. Clotet, descobrimos as razões mais profundas que o levaram a dedicar-se inteiramente ao serviço da sua comunidade e dos mais pobres. Isso foi o que nós procurámos simplesmente realizar durante este ano: mergulhar nas profundezas do P. Clotet a fim de trazer para a luz do dia o que se achava escondido na sua alma. E o que transparece é um testemunho cristalino de enraizamento e de audácia missionária que marcaram os primeiros tempos da nossa Congregação.

O P. Clotet, mosaico de perfis

Onofre Francisco Jaime Clotet y Fabrés, como consta do seu certificado de batismo, nasceu em Manresa a 24 de julho de 1822. A proximidade do dia do seu nascimento com a festa do Apóstolo São Tiago ocasionou que lhe fosse atribuído o nome de Jaime. Depois de cumprir os seus estudos em Manresa, Barcelona e Vic, as vicissitudes sociopolíticas da época forçaram-no a receber a unção presbiteral em Roma. No seu regresso, e após breves anos de ministério, um primeiro encontro com o P. Claret em Vic, em 1849, provocaria uma verdadeira reviravolta na sua vida. A alma do P. Clotet adquiriu, a partir dessa altura, a forma de um poliedro que, embora único, oferece abordagens e perspectivas muito diferentes no universo da nossa Congregação. Recordamo-las a fim de as podemos acolher, valorizar e imitar.

- **Bom por natureza:** O P. Clotet era, acima de tudo, um homem cheio de bondade, de uma bondade que deixava marcas. Diz-se dele que “não tinha inimigos”¹. Unido a essa tranquilidade destacava-se também por um forte sentido de introspeção e autoanálise.

¹ JOSÉ MARÍA DE GARGANTA, *Francisco Coll. Fundador de las Dominicas de la Anunciata*. Valencia, 1976, p. 20.

Dotado de grande delicadeza espiritual e humana, primava também por ser manso e humilde, dedicado a Deus e aos outros, trabalhador, ordenado e metódico, sempre e em tudo. É verdade que não possuía qualidades de líder, nem os préstimos de um orador de timbrada voz. Não procurou ser atrativo, mas não deixava de irradiar a bondade que palpitava do seu interior. Também não pretendeu figurar entre os sábios e eruditos do seu tempo, apesar de ser hoje reconhecido pelos entendidos como *descobridor e expositor da língua gestual catalã*². Foi também enriquecido com outros dons que lhe viriam a ser úteis nas tarefas da formação e do governo, como o conselho, o discernimento, a prudência e, também, a firme integridade. Com isso pôde enfrentar assuntos delicados, enquanto membro do Governo Geral. Passou por um verdadeiro sofrimento quando teve de manter a sua objeção de consciência - e persistir na discordância – perante alguma atuação do Superior Geral, sem jamais romper a comunhão com ele. Em nenhum momento deixou-se dominar pelo desejo de protagonismo. Pelo contrário, soube manter-se sempre na penumbra de uma discreta lealdade sem renunciar ao que achava ser justo.

- **Seduzido pelo P. Claret.** O P. Claret fascinou-o logo naquele primeiro encontro em que lhe apresentou o seu projeto, imbuído de um enorme ímpeto missionário. O P. Claret não demoraria muito tempo a entregar-se de corpo e alma à grande obra que nasceria numa humilde cela do Seminário de Vic. Desde então passou a viver e a desviver-se pela Congregação, rejubilando com o seu crescimento e expansão e, ao mesmo tempo, enfrentando situações bastante adversas: perseguições, desterros, problemas económicos, misérias pessoais, decisões difíceis, divergências, fracassos... tudo o que tem a ver com a própria vida. Além de ter sido cofundador, tocou-lhe ser o grande transmissor do espírito e da vida do P. Fundador às primeiras gerações claretianas. Ao P. Claret devemos, em particular, a custódia, o estudo e o conhecimento da vida do P. Claret. Transmitiu-nos, por intermédio da sua pequenina e límpida caligrafia, bastantes pormenores da sua vida, recolhidos com afeto e minúcia, muitos deles então desconhecidos.
- **Missionário na vida quotidiana.** Nos seus primeiros anos de claretiano dedicou-se às missões populares. Em breve, devido ao seu perfil amável e coerente, seria destinado para tarefas de governo e de formação. Nas suas pregações, evitava todo o artifício. A sua palavra era simples, popular, evangélica e, ao mesmo tempo, repleta de unção e de alento aos ouvidos do povo. Uma das qualidades em que mais se destacava como apóstolo foi a *honradez*. Não só gozava de uma boa reputação, como era um homem íntegro, sem malícia, como se fosse um “anjo em carne humana”³. Estava mais talhado para a conversação familiar do que para o púlpito. Era nesse âmbito que movia as pessoas à conversão. Manifestava, sobretudo, um especial talento para a catequese. Era esse o seu devido lugar”⁴. Apesar do seu temperamento reservado, não vivia ausente, nem evitava uma conversação amigável. Inovou, de modo criativo, a catequese, pelo uso da gesticulação, do desenho e do questionário.

² É o título da conferência proferida por XAVIER MORAL na Jornada científica de Vic, a 8 de setembro de 2022, e que vai aparecer na íntegra na próxima edição do anuário *Studia Claretiana*.

³ Foi com esta expressão que o servo de Deus António Plancarte y Labastida definiu o P. Claret (CRISTÓBAL FERNÁNDEZ, *La Congregación de los Hijos del Inmaculado Corazón de María. Compendio histórico de sus primeros sesenta y tres años de existencia (1849-1912)*, Madrid, 1967, I, p. 698).

⁴ MARIANO AGUILAR, *Biografía del siervo de Dios P. Jaime Claret y Fabrés, cofundador de los Misioneros Hijos del Inmaculado Corazón de María*, Barcelona, 1907, p. 63.

Por fidelidade ao P. Fundador, que as recomendara, defendeu as escolas infantis. O seu apostolado decorria na proximidade dos necessitados, cuidando e preocupando-se com a sua sorte.

- **Forjador de Missionários Irmãos.** É justo que destaquemos a sua dedicação à formação das primeiras gerações dos Missionários Irmãos da Congregação. Para eles escreveu em 1858 o *Directori dels Hermans (sic) Ajudants*, um manual pedagógico que inclui orientações práticas para a sua formação. Vemos refletidas nessas páginas, o seu carácter ordenado, metódico, e o seu sentido de dever. Expõe as suas orientações, baseado-se na teologia da vida religiosa do seu tempo, e também nas suas próprias experiências pessoais, essencialmente contemplativas, mas sem subir a alturas impossíveis. Nessas suas conferências (amenas e pedagógicas) instruía-os sobre temas espirituais e ainda sobre assuntos concretos da vida doméstica, descendo a pormenores que davam azo a saborosas anedotas e episódios divertidos. Quando tinha de sair de casa fazia-se acompanhar por algum Irmão, ao qual procurava honrar com muita finura perante as pessoas de fora, deixando-as edificadas. E os Irmãos regressavam assim a casa, felizes e agradados com o P. Clotet⁵.
- **Catequista de deficientes auditivos.** Um encontro fortuito com o mundo dos deficientes auditivos, que ocorreu durante o seu ministério em Civit em 1849, explica como antes de entrar na Congregação já se deixara seduzir, de modo irresistível, pelas pessoas com essa deficiência, especialmente as menos favorecidas e sem instrução. Jamais deixaria esse serviço. A ele consagrou uma boa parte do seu tempo e dos seus escritos, apesar das suas absorventes responsabilidades na Congregação. Procurou, de muitas modos, envolver e capacitar outras pessoas nesse atendimento. Esse era o objetivo dos seus livros: “*O meu objetivo nos escritos referentes ao surdo-mudo é ajudar os sacerdotes, pais de família, e outras pessoas, que desejam instruí-lo... com os conhecimentos adquiridos por uma longa experiência*”⁶, critério que evoca um vislumbre de missão partilhada. Não é, pois, de estranhar que o próprio Superior Geral, o P. José Xifré, na necrologia que ele mesmo redigiu por ocasião da morte do P. Clotet viesse a destacar isso: “*Para além dos seus trabalhos apostólicos, estendeu o seu zelo aos hospitais, prisões e, em particular, aos surdos-mudos...*”⁷. Esta sensibilidade pessoal contribuiu para uma resposta adequada à emergência educativa dos deficientes auditivos, tidos como um dos grupos sociais mais vulneráveis. A genialidade das suas intuições, adiantadas para a época, é algo que os especialistas em linguagem gestual não deixam de reconhecer, e sobre o qual continuam a investigar... e até a aplicar como acontece no nosso “Centro Clotet” do México.
- **Um homem na presença de Deus.** O P. Clotet não foi um homem perfeito – como nos revelam as suas notas espirituais –, mas foi um homem de presenças. Os seus manuscritos permitem-nos reconstituir o seu itinerário espiritual. Na sua ordenação sacerdotal, recebeu a clara consciência de um dom extraordinário que lhe foi concedido pelo Senhor: a experiência íntima da presença divina, de uma forma tão contínua que constitui “*um caso singular na Congregação*”⁸. Veneramo-lo, pois, como um místico da presença de Deus. A mística

⁵ Cf. *íd.*, p. 440.

⁶ *Carta do P. Clotet ao P. Batlló*, 3-11-1889, em AG CMF/PG, CL, 32.

⁷ *Anales de la Congregación de los Misioneros Hijos del Inmaculado Corazón de María* 6 (1898) p. 296.

⁸ JUAN MARÍA LOZANO, *Un hombre en la presencia de Dios. Estudio sobre la experiencia espiritual del Siervo de Dios, P. Jaime Clotet*, CMF, Roma, 1971, p. 9.

missionária é o simples e puro amor a Deus e, n'Ele, a todos os seus filhos e filhas; amor sustentado sobre os pilares da oração intensa, exame contínuo, a celebração eucarística, a experiência do envio missionário, a devoção filial ao Imaculado Coração de Maria e, em particular, a consciência da presença constante de Deus em tudo isso; ... sendo esta última dimensão a que marcou o seu perfil espiritual mais acabado. São João Paulo II, ao declará-lo Venerável a 13 de maio de 1989, no documento oficial elucida-nos acerca do seu verdadeiro lugar: “*A sua missão no Instituto pode resumir-se da seguinte forma: firme defensor da vida interior num Instituto intensamente apostólico*”⁹.

Aromas que não se desvanecem

Cada pessoa é irrepetível. Portanto, emular o P. Clotet não significa rastrear o seu estilo pessoal ou repetir a sua obra, o seu génio pedagógico, ou o seu perfil místico. Mas também não devemos contentar-nos com a simples admiração. É algo muito diferente que tem a ver com o que Rainer M. Rilke advertira: “*Deus espera onde estão as raízes*”¹⁰. O P. Clotet convida-nos a realizar uma frequente viagem à raiz e beleza do Evangelho para acolher a Deus que pretende hospedar-se no coração. Assim, habitados pelo seu amor, sentir-nos-emos inflamados para amar mais a Congregação e servir com audácia os mais pobres e indefesos. Assim, a memória do nosso ilustre irmão será um perfume que perdura no tempo com quatro aromas genuínos: as – as

- a) O mais urgente, hoje e sempre, é a *fidelidade*. Isso tem a ver com a entrega à missão que nos foi confiada, desempenhando, com laboriosidade metódica e infatigável, sejam quais forem os serviços e ministérios encomendados, sabendo caminhar sobre as águas da nossa própria fragilidade e colocando-nos, a exemplo do P. Clotet, na fila dos últimos... Foi a fidelidade que sustentou e robusteceu a perseverança vocacional do nosso Venerável – em circunstâncias difíceis, como a revolução de 68 e a conseqüente ação de despejo e dispersão dos missionários¹¹, –, ou mesmo a sua integridade, por ocasião da epidemia de varíola na casa de Alagón em 1878¹², ou nas forçosas substituições do P. Geral, ou ainda perante a dolorosa frustração que lhe trouxe a desastrosa “*fundação de Cuba*” em 1880, por causa da febre amarela¹³. Poderíamos acrescentar um rol imenso de dificuldades. Essa perseverança foi também acrisolada com a cegueira que o crucificaria no final dos seus dias: “*A falta de visão é a maior cruz que Deus me podia enviar*”¹⁴, confessava o bom P. Clotet ao P. Ramón Muns. A fidelidade do P. Clotet não só deve fazer de nós seus admiradores, mas também incentivar-nos a abraçar firmemente a nossa vocação numa época como a nossa em que somos tão tentados pela fragilidade, a inconsistência, a instabilidade e a fragmentação vocacional.
- b) O P. Clotet brilhou com uma luz especial, também devido ao seu *coração compassivo*. A compaixão é uma virtude deveras missionária, a chave para abrir caminho perante a dureza do coração, a indiferença e a exclusão. O P. Clotet experimentou a compaixão, com uma tonalidade particular, em Civit, no seu primeiro encontro com aquela criança

⁹ *Annales Congregationis Missionariorum Filiorum Immaculati Cordis Beatae Mariae Virginis* 59 (1989) p. 70.

¹⁰ Este título encabeça a obra de Eloi Leclerc, *A Sabedoria de um pobre*.

¹¹ Cf. MARIANO AGUILAR, o.c., pp. 134-138.

¹² Cf. *id.*, pp. 173-174.

¹³ Cf. *id.*, p.186.

¹⁴ *Id.*, p. 443.

com deficiência auditiva. Esse choque produziu uma espécie de comoção visceral que só acontece pela proximidade. A sua experiência não deixa de constituir uma lição para nós. Porque *para nos compadecermos*, temos primeiro *que aparecer*, aproximar-nos. Trata-se de aproximar-se mesmo daqueles que são humanamente detestáveis ou que suscitam rejeição. A simplicidade compassiva do P. Clotet chegava aos limites da inocência infantil. “*Devido à sua extraordinária candura, abusavam dela os sagazes*”¹⁵, dizia o P. Xifré. A compaixão é a maneira de Deus olhar o ser humano e salvá-lo. O seu olhar acolhe o pequenino, procura os perdidos, jamais se detém por um passado repleto de erros, mas olha com infinita confiança para os que se equivocaram, despertando um ardente e esperançoso desejo do melhor.

- c) Se há algo que reconhecemos no P. Clotet, é a sua *espiritualidade da presença de Deus*. Esta espiritualidade revela-se imprescindível e urgente para nós que vivemos voltados para a ação apostólica, correndo – por vezes, sem nos darmos conta – o sério risco de esquecermos onde está a fonte e a meta de toda a atividade: a comunhão com o Deus escondido e revelado. Prisioneiros do ativismo, da dispersão e da mundaneidade, até podemos ser boas pessoas, fazer muitas coisas, ter sensibilidade religiosa e social, e, ao mesmo tempo, vivermos descentrados, sem nos dedicarmos inteiramente a Deus. Esta espiritualidade foi para o P. Clotet o “*meio mais eficaz de chegar à união com Deus*”¹⁶. Com o seu exemplo, somos convidados a viver permanentemente conectados ao Senhor, numa profundidade crescente, e a qualificar “*as nossas experiências profundas de encontro com o Senhor*” (QC 39). O exercício da presença de Deus não é mais do que acudir ali onde Deus se esconde e se revela, “naquele lugar secreto” (Mt 6,6), onde ao mesmo tempo que esvaziamos a mente enchemos o coração. Assim, percebemos esta presença simples, limpa e sem entraves, reconhecendo que Deus costuma vir ao nosso encontro disfarçado da nossa própria vida.
- d) Uma dimensão escondida – mas tão necessária quanto pouco apreciada e desejada por nós, e que o P. Clotet vivia com tanto entusiasmo – era o sentido de *comunhão fraterna*, que se exprimia sobretudo no *serviço humilde aos irmãos* nas tarefas diárias, menos vistosas e apetecíveis. Podemos considerar que o P. Clotet foi um missionário “ad intra”, devido à sua disponível entrega aos ministérios internos do governo ou da formação, ao duro e paciente serviço de animação e cuidado dos irmãos. Daí se explica a sua tendência para observar e levar a cabo com “atenção litúrgica” as suas ocupações diárias e domésticas: “*Não se limitava a exercer de qualquer maneira certos ofícios baixos e humildes, como servir à mesa, quando era a sua vez, lavar os pratos na cozinha, varrer o seu próprio quarto... mas fazia estas coisas com bastante frequência, e com naturalidade e singeleza*”¹⁷, e sem jamais procurar dar nas vistas, ou buscar protagonismo. Perante um testemunho como o seu, oxalá que se dilua a nossa tendência para a “*instalação, o individualismo e a indiferença*” (QC 38). Como seria possível o caminho da sinodalidade sem a alegre dedicação das pessoas que assumem

¹⁵ CRISTÓBAL FERNÁNDEZ, o.c., p. 52.

¹⁶ Propósitos de los Ejercicios de la Semana Santa de 1877, en JUAN MARÍA LOZANO, o.c., p. 267.

¹⁷ MARIANO AGUILAR, o.c., p. 171.

aqueles serviços que ninguém quer, mas sem os quais não se sustentaria o nosso projeto de vida missionária? O sentido do “nós” evitará que se anteponham “os interesses e os confortos pessoais aos projetos comuns ou às necessidades dos outros” (QC 26).

Memória agradecida

Se é verdade que “a morte não vem com a velhice mas com o esquecimento”, como garantiu Gabriel García Márquez, os missionários claretianos manterão sempre viva a memória do nosso venerável irmão. A lembrança é uma forma de nos agarrarmos a duas realidades: às *peçoas* que mais estimamos e *ao que somos e não* queremos perder. Ambas não são reconhecidas pelo seu verdadeiro valor até que se tornem memória duradoura. Alguém lembrou que o P. Clotet foi um daqueles santos que Deus concede aos Institutos Religiosos quando estes surgem¹⁸. Continua a ser assim. A sua intensa piedade, a sua vontade de ser fiel ao espírito do P. Fundador e às Constituições, mantêm-no para sempre na consciência e no coração da Congregação, para além do tempo da vida que Deus lhe concedeu. Façamos do seu testemunho um depósito inextinguível no banco da nossa memória.

A sua influência jamais se expressou pela veemência do mando, mas pela doçura moderada e insistente. E o seu maior fruto foi a *alegria interior*, que não depende dos sucessos alcançados, nem do reconhecimento, nem das circunstâncias favoráveis, mas da presença do Deus vivo e do amor humilde aos irmãos. É uma alegria que ninguém nos pode tirar porque brota de uma experiência de Deus que nos leva a dá-lo a conhecer aos outros. Somos missionários na medida em que experimentamos “a doce e reconfortadora alegria de evangelizar” (EG 10) que nos permite ter uma certeza e transmiti-la a todos: a boa notícia de que o coração humano é feito para a alegria.

O testemunho de enraizamento em Cristo e de audácia na missão, por parte do P. Clotet, serve-nos de convite a revermos o nosso próprio conceito de prudência. É um facto que todos os santos foram considerados excessivos, assaz imprudentes aos olhos deste mundo. O P. Clotet era assim. Ele demonstra-nos com a sua vida que quando um missionário se dá conta que é habitado e amado por Deus, não sente senão a urgência de proclamar o Evangelho a todos, especialmente àqueles que estão nas periferias.

A memória da santidade missionária de Clotet não deve limitar-se à lembrança dos seus irmãos de Congregação. Sendo um testemunho apaixonado do seguimento de Jesus missionário, está assim chamado a iluminar a vida de toda a Igreja. Já foram dados alguns passos: em 1923, a Congregação iniciou em Vic o processo diocesano com vista à sua possível beatificação; e, em 1964, introduziu a sua causa em Roma. Por fim, em 1989, São João Paulo II decretou a heroicidade das suas virtudes e declarou-o Venerável. De acordo com o atual procedimento da Igreja, só é necessário um milagre para que a sua causa prossiga e venha a ser reconhecido beato. É justo que nós, os seus irmãos, agradecidos pelo seu testemunho, o demos a conhecer e promovamos entre nós e entre os fiéis a oração fervorosa a fim de que Deus, por intercessão do Venerável P. Clotet, realize um milagre. Esperamos tê-lo em breve entre os bem-aventurados oficialmente reconhecidos pela Igreja a fim de que o seu testemunho possa brilhar para a maior glória de Deus.

¹⁸ Cf. *Summarium*, p. 18; en JUAN MARÍA LOZANO, o.c., p. 215.

Desejo-vos um feliz encerramento do “Ano de Clotet”. Talvez para alguns de vós possa ser este o início de um itinerário de aprofundização no conhecimento do P. Clotet. Peço ao Senhor que a sua memória nos encoraje a prosseguirmos como missionários que irradiam por onde passam o aroma da alegria do Evangelho.

Cordialmente

Roma, 22 janeiro de 2023

Domingo da Palavra de Deus

Mathew Vattamattam, CMF
Superior Geral



**MISIONEROS
CLARETIANOS**

HIJOS DEL INMACULADO CORAZÓN DE MARÍA

SUPERIOR GENERAL